

GRANDEZA E DECLÍNIO DA REPÚBLICA INDEPENDENTE DE KAZANTIP (UCRÂNIA)¹ *Rise and fall of the Independent Republic of KaZantip (Ukraine)*

Dominique Crozat²
 Anastasia Semenko³

RESUMO

KaZantip é um festival de música eletrônica organizado na Crimeia (Ucrânia), antes de ser transferido para a Geórgia, em decorrência da anexação da Crimeia pela Rússia. Ele é definido por seus criadores russos como uma festa rave de praia gigante, que dura um mês, 24 horas por dia. De 1991 a 2013 o festival KaZantip atraiu um público crescente: em 2010 até 30 mil pessoas “moraram” juntas no local; e em um mês mais de 150.000 passaram por lá. Segundo seus criadores, KaZantip não é um simples festival, mas uma “República” que trabalha com seu governo, seu presidente (Organizador), sua constituição, seu Ministério de Relações Exteriores para a comunicação com o mundo exterior (que é considerado “imperfeito”), seus ministros de felicidade, música, dança, rave e suas próprias leis. A mais importante das leis é: “SCHASTIE” (seja feliz e divirta-se)! Esta utopia, no fundo, muito comercial, esteve presente na origem do seu sucesso e, posteriormente, de seus problemas; em decorrência da sua inserção nas questões geopolíticas relacionadas às tensões progressivas entre Ucrânia e Rússia.

Palavras-chave: Festival de música. Geopolítica. Utopia. Rússia. Ucrânia.

ABSTRACT

KaZantip is an electronic music festival held in Crimea before having to move to Georgia after the annexation of Crimea by Russia. It is defined by its Russian creators like a giant beach rave party, which lasts 24 hours a day for a month. From 1991 to 2013, KaZantip festival has attracted a growing audience: in 2010, up to 30,000 people “lived” together on the site and, in a month, more than 150,000 people stayed in. According to its designers, KaZantip is not a simple festival but a ‘Republic’ that works with his Government, his president (Organizator), its constitution, its Department of Foreign Affairs for communication with the outside world deemed “imperfect”, his ministers of happiness, music, dance and rave, etc., and its own laws. The most important law is “SCHASTIE” (be happy and have fun)! This utopia, in fact mainly a big business, was responsible for its success but also its problems because of its insertion in the geopolitical issues related to progressive tensions between Ukraine and Russia.

Keywords: Music festival. Geopolitics. Utopia. Russia. Ukraine.

1 A versão original em francês foi publicada na revista “*L’Information géographique*” (4/2018), p. 122-140, Armand Colin, com o título “*Grandeur et déclin de la République indépendante de KaZantip (Ukraine)*”. Tradução de Alessandro Dozena.

2 Professor do Departamento de Geografia da Universidade Paul-Valéry. dominique.crozat@univ-montp3.fr.

✉ UMR ART-Dev, Université Paul-Valéry, Site de Saint-Charles, Route de Mende, 34199, Montpellier, Cedex 5, France.

3 Doutoranda do Departamento de Geografia da Universidade Paul-Valéry. anastasiia.shmakova@gmail.com.

✉ UMR ART-Dev, Université Paul-Valéry, Site de Saint-Charles, Route de Mende, 34199, Montpellier, Cedex 5, France.

INTRODUÇÃO: O FESTIVAL DE KAZANTIP, UMA UTOPIA CONFRONTADA A PODEROSOS INTERESSES GEOPOLÍTICOS

KaZantip é uma manifestação festiva normalmente apresentada como um festival. Segundo Guy Di Méo (2005, p. 228), a utilização do termo “festival” faz referência aos espetáculos artísticos ou às manifestações centradas nas produções com fins lucrativos, tanto quanto aos elementos patrimoniais. Nós acrescentaremos a ideia da significativa frequência, que os diferenciam de simples espetáculos. O festival normalmente convoca uma região em seu conjunto, e por vezes ocorre em uma escala nacional ou mesmo internacional (DI MÉO, 2005). Uma terceira ideia subjacente faz referência à festa e portanto, implicitamente, à ideia de uma experiência pessoal incorporada pelo público (FOURNIER; CROZAT, 2005). Nessas condições, o festival se distinguiria da festa clássica pois ele teria lugar em espaços fechados, públicos ou privados, mas pagos. Essa definição parece corresponder em certa medida a KaZantip.

Segundo seus idealizadores, KaZantip não seria um simples festival ou uma festa, mas uma “República”, a República de KaZantip. Uma República que funcionaria com suas próprias regras, seu próprio governo, seu PreZidente, sua Constituição (Z, 2020a), seu Ministério de Relações Exteriores (para a comunicação com o mundo “exterior”, entendido como imperfeito), seus próprios ministros (Ministro da felicidade, da música, da dança, da *rave*, do intelecto, do visual, das ilusões... etc.) e suas próprias leis. A mais importante dessas leis, e que deve ser respeitada, é “SCHASTIE” (Seja feliz e divirta-se! Figura 1).

KaZantip também corresponde ao que designamos uma utopia, algo sempre muito especializado e fechado em si mesmo

enquanto cultiva uma forte conexão com o mundo. Mas o que é uma utopia na atualidade, em um mundo bem-conceituado e assustado pela ideologia (JAMESON, 2007a) ou quando não por um utopismo (JAMESON, 2007b)?

Além disso, como pode essa utopia sobreviver em um contexto geopolítico tão específico quanto o da Crimeia? Essa dimensão utópica permite que ela se liberte de uma localização tão complexa, distante e com acesso complicado?

Como o festival emergiu desde a queda da URSS e conseguiu se tornar, em praticamente 25 anos, um dos maiores eventos do gênero no mundo, como se adaptou às evoluções em uma sociedade em mudança?



Figura 1: Uma bandeira e um lema para KaZantip: SCHASTIE “Seja feliz e divirta-se!”. Mas a República também tem seus vistos, cartões de acesso ao local do festival. Note-se a onipresença do amarelo, cor da referência à vocação utópica, mas também (ao lado), graças à crescente notoriedade do festival, há a capacidade de abandono de uma referência direta ao seu nome: o simples Z KaZantip torna-se suficiente.

Fonte: KaZantip (2020).

O FESTIVAL DE MÚSICA COMO TERRITÓRIO DA UTOPIA

A República KaZantip é um país que não está presente em nenhum mapa do mundo. Ela se encontra em uma realidade paralela, movendo-se no tempo e no espaço de acordo com as decisões de seu PreZidente, que busca encontrar melhores condições de felicidade para o seu povo. Ela propõe uma forte ruptura (“SCHASTIE”) na vida dos participantes dispostos a modificar seu profundo ser e aderir a um código de conduta. Enfim, a República é instalada em um espaço fechado onde suas próprias regras substituem as da cidade⁴.

A República corresponde perfeitamente ao que nomeamos uma utopia, o que nos leva a três registros. Em primeiro lugar, KaZantip é uma tentativa de refundar uma sociedade harmoniosa e igualitária (LANDAUER, 1907) e seríamos todos de Raphaël Hythlodée⁵, visitantes maravilhados e aplicados a propagar a narrativa. Mas em Thomas More (2003), e na “Cidade do Sol”⁶ imaginada das profundezas da prisão pelo prisioneiro Campanella, a utopia é um lugar que não existe, em nenhum outro lugar. Mas posicionando-se em um território marginal, KaZantip existe e, no senso comum, a ideia de que a utopia pode acontecer é geralmente considerada impensável: o dicionário do “*Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNRTL*” (2017) propõe definir utopia como um “plano de governo imaginário para uma sociedade futura ideal, em que cada um alcançaria a felicidade”; por extensão,

4 “O complexo independente só pode ser acessado através de um portão. No entanto, KaZantip não se trata simplesmente a uma ‘República’ independente simbolicamente proclamada. Ela tem seu próprio governo liderado por uma Rainha, seu próprio Ministro do Exterior (para a comunicação com o mundo imperfeito forâneo), leis e outros ministros (Ministros da Felicidade, Ministro da Dança e do Delírio, Ministro do Intelecto, Ministro das Ilusões etc.)” (Z, 2020b).

5 Personagem navegador, que no livro “*Utopia*” de Thomas More, descobre a ilha de Utopia (N.T.).

6 Obra de Tommaso Campanella (N.T.).

numa dimensão mais sociológica, a utopia torna-se um “sistema de concepções idealistas da relação entre homem e sociedade, que se opõe à realidade presente e trabalha para modificá-la”.

De fato, partindo de uma versão lúdica e inócua dessa utopia, KaZantip emerge como uma tentativa de realizar esses sentidos utópicos de governar uma sociedade ideal onde as relações humano-sociais são apaziguadas.

Além disso, essa utopia está localizada na Crimeia, no coração do antigo mundo soviético, com uma forte presença de dimensões geopolíticas, onde o apego à ideia imperial tenta perpetuar os últimos remanescentes da utopia comunista, em um destino não habitual. Ali também presenciamos problemas ambientais, na medida em que os governos ucraniano e posteriormente russo lhe tem causado impactos. De fato, o confronto entre essas utopias vem acompanhada de algumas distorções. Sua localização, portanto, não é trivial e determinará um segundo nível de territorialização, muito real, em que se insere a dimensão utópica.

Em Thomas More, “o reino da Utopia, é uma ilha protegida ao mesmo tempo por barreiras naturais e por mãos humanas. Para conseguir acessá-la é necessário ser iniciado pois, sem condutor, você não pode desembarcar em Utopia” (MORE, 2003, p. 67). Essa dificuldade de acesso constitui a própria condição de existência do reino e de preservação de seu modo de vida [...] sua inacessibilidade geográfica protege o resto do mundo de seus excessos de igualitarismo. No coração de Utopia encontramos essa tensão entre a revelação de outro mundo possível e a distância que dele nos separa (CRESSMAN, 2017, p. 142).

A situação aparentemente periférica de KaZantip se revelará muito mais central para que ela possa sobreviver: para permanecer tolerável, a utopia deve se apoiar em uma insularidade, sinônimo de absoluta marginalidade (RACAUT, 2010). Por outro lado, KaZantip não é

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

apenas uma República, mas é também um festival de música eletrônica ao ar livre, que por mais de 20 anos tem sido realizado em todos os anos nas belas praias na costa do Mar Negro, na península da Crimeia, Ucrânia. Chastagner (2017, p. 118) aponta que coexistem no rock “dois tipos de relação com o ideal utópico, um celebrando-o com sinceridade e convicção, às vezes com um oportunismo claramente mais comercial, e outro transformando-o em escárnio”.

Foi no repertório de muitas bandas de rock da segunda metade dos anos 1960 e depois com o evento fundador “Woodstock”, em 1969, que foi construído um discurso que se tornou a referência da dimensão utópica do festival:

muitas canções celebram o modo de vida *hippie*, a contrapartida utópica do ativismo político: uso de drogas, [...] práticas sexuais desinibidas [...] ou um estilo de vida comunitário baseado na espiritualidade e no retorno à natureza (Woodstock, Joni Mitchell, 1970). Além disso, ainda mais do que pelo seu discurso, é pela “ruptura estética” (PLASSARD, 2011) que se propõe que o *rock* torna-se vetor da utopia, destacando o amadorismo, a experimentação, o corpo e a saturação elétrica, todos elementos banidos pelos estilos musicais tradicionais (CHASTAGNER, 2017, p. 116).

Os blogs referentes ao festival mencionam que: antes de falar sobre música, insistimos em abordar a liberdade sexual ou a água morna em que podemos dançar. Além disso, mencionam a intensidade da experiência: o festival KaZantip é definido por seus criadores como

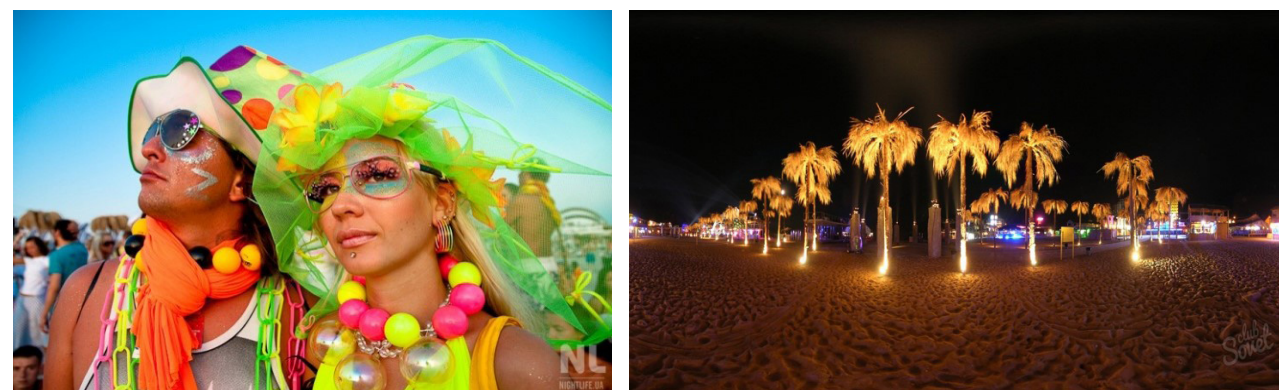


Figura 2 – KaZantip conseguiu acolher até 150.000 pessoas durante um mês, gerando a construção de uma verdadeira cidade na praia. As referências estéticas ao movimento *hippie* são permanentes na cultura *techno*.

Fontes: Fonte: KaZantip (2020); Simferopol (2020).

uma festa *rave* de praia gigantesca, com duração de 24 horas, durante praticamente um mês.

A estruturação interna do festival o leva a construir uma organização espacial que joga com a cidade, idealizando-a para torná-la um modelo utópico (Figura 2). Cressmann (2017, p. 149) assinala ser interessante “notar que em More, o termo ‘performance’ remete a peça de teatro em inglês”.

É a partir dos valores transmitidos pela música que surge a principal esperança utópica. Além do rock, todas as músicas populares que desde então o sucederam

representam, ainda hoje, as músicas que melhor simbolizam os mundos alternativos propostos por uma certa juventude californiana: um mundo sem

guerra, no qual a fala seria mais livre, em que seriam respeitadas a identidade, as crenças e práticas de todos, em que o amor seria o valor dominante (CHASTAGNER, 2017, p. 115).

Ainda que Chastagner (2017, p. 115) prossiga ponderando que “a colocação em prática desses ideais, por outro lado, deixa muitas vezes algo a desejar, particularmente em termos das relações entre homens e mulheres e entre os grupos étnicos”.

Pela sua organização estética, social e simbólica, KaZantip é uma referência permanente a esta realidade *hippie* dos anos 1960, corrigindo certas realidades (a exemplo do respeito de fato pelas meninas). Isso permitiu a República de KaZantip de se orgulhar em ter em seu território a maior densidade mundial de pessoas felizes por metro quadrado. Mas a felicidade é sempre frágil, especialmente em uma Crimeia geopoliticamente muito instável.

A CRIMEIA COMO UM CAMPO DE RIVALIDADES GEOPOLÍTICAS

A Ucrânia é uma das arenas da competição efetivada pelas potências ocidentais, a Rússia e a Turquia, sendo que a Crimeia permanece ao centro dessa disputa (Figura 3).

A península da Crimeia, conhecida nos tempos antigos como Tauride⁷, apresenta uma área equivalente à da Bélgica. Ela se divide entre um Norte plano, com o clima continental rude e relacionado ao restante do território ucraniano pela via terrestre (Istmo de Perekop). A Crimeia apresenta um Sul marítimo mais montanhoso de clima mediterrânico, aberto em direção a Anatólia, o mundo do mar Egeu, e também aos rios russos e o mar de Azov. Ao Norte encontramos os povos das estepes: cimérios, citas, sármatas, roxolanos, godos, hunos,

⁷ Os termos que não encontramos a tradução foram mantidos no original em francês (N.T.).



Figura 3 – A importância geoestratégica da Crimeia para a Ucrânia e a Rússia.
Fonte: Sébastopol (2010).

búlgaros, casares, petchénegues, polovtisianos, alanos, mongóis da horda de ouro e tártaros. Ao sul, fixaram-se vindo pelo mar, os antigos gregos, romanos, gregos bizantinos, russos, armênios, judeus caraítas, venezianos, genoveses e turcos otomanos.

A Crimeia entrou na história contemporânea em 1441, quando os tártaros, de origem mongol, mas convertidos ao islamismo sob influência otomana, fundaram o “Khanat” da Crimeia. Este permaneceu como protetorado do Império Otomano até o final do século XVIII, quando foi anexado pelo Império Russo. O império fundou o porto de Sébastopol, instalou a frota do Mar Negro e a transformou no elemento principal de seu expansionismo em direção ao Bósforo e aos Dardanelos, causando crescentes tensões: entre 1854 e 1856 a Inglaterra e a França aliaram-se com o Império Otomano para atacar a Rússia. A sangrenta guerra da Crimeia terminou com a derrota russa.

Tornando-se República Socialista Soviética da Crimeia em 1921, a Crimeia foi anexada à República da Ucrânia em 1954. A disputa

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

diplomática em torno desta área tornou-se muito forte devido à reorientação da política externa de Kiev em direção ao Ocidente. Ausente da região ucraniana e do Mar Negro, a Rússia perdeu gradativamente sua importância geopolítica e geoestratégica na Europa, do mesmo modo em que buscava recuperar seu lugar no mundo à época da URSS. Para a Rússia, a saída da Ucrânia da esfera de influência russa é inconcebível na medida em que a Federação Russa deseja continuar a desempenhar um papel político dominante na Europa.

Durante a reunião do Conselho Russo – OTAN em abril de 2008 em Bucareste, Vladimir Putin, naquela época Primeiro Ministro, declarou: “A Ucrânia é um Estado artificial, uma parte de seu território pertence à Europa Oriental, outra parte, a mais consistente, representa a doação dos russos a Kiev”. Putin especificou que a Rússia não hesitaria em romper a unidade territorial da Ucrânia, isto é, reivindicar a Crimeia e a parte oriental da Ucrânia, se Kiev fosse convidada a participar da OTAN (SUTOUR, 2011). Em 2014, para justificar a anexação da Crimeia pela Rússia, o presidente russo Vladimir Putin declarou que a Crimeia foi ilegalmente anexada à Ucrânia em 1954 por Nikita Khrushchev e, assim, Putin procurou justificar a violação dos tratados de 1994 (desnuclearização da Ucrânia em troca da inviolabilidade das suas fronteiras), 1997 (delimitação das águas territoriais) e 2003 (delimitação da fronteira russo-ucraniana que consagrou a Crimeia como parte integrante da Ucrânia).

Para Moscou, é essencial que a frota russa possa permanecer no Mar Negro, ou seja, na Crimeia, na medida em que o porto de Sébastopol dá acesso aos mares do Sul e às costas da Geórgia. A frota do Mar Negro é composta por cerca de 40 navios de guerra, incluindo vários submarinos e um porta-aviões, além de 16.000 homens. Essas forças foram reforçadas desde 2016. Após a implosão da União Soviética,

no início dos anos 1990, e a independência da Ucrânia, Kiev e Moscou concordaram em acabar com o contrato estabelecido com a frota russa em 2017. Em 2010, o presidente ucraniano Viktor Yanukovich, aproximou-se de Moscou e prolongou este contrato até 2042. Em troca, Kiev desfruta de um desconto de 30% nos preços do gás russo e de uma renda anual de 98 milhões de dólares. Além disso, o Mar Negro está repleto de petróleo e gás. Com a anexação da Crimeia, a Ucrânia perde 70% das suas águas territoriais e a potencial independência petrolífera.

Em 17 de março de 2014, o jornal turco “Hürriyet” publicou um artigo sobre a independência da Crimeia. O jornal declarou que se a Crimeia proclamasse sua independência, retornaria automaticamente à jurisdição turca. O tratado de Jassy⁸ com os turcos, assinado em 21 de dezembro de 1791, confirmou a integração da Crimeia a Rússia. Mas nesta situação em 2014, afirmou-se que se este tratado ainda tivesse valor legal, deveria ser levado em conta a passagem que afirma: “a península não pode declarar sua independência e ser transmitida a um terceiro. Neste caso, a Crimeia deve ser devolvida à Turquia”.

Além dos interesses políticos, subsiste a problemática populacional. Em 1944, os 200.000 tártaros da Crimeia, considerados coletivamente culpados pela colaboração com a ocupação nazista, haviam sido deportados por Stalin sem nunca terem sido reabilitados. Após a dissolução da União Soviética, a transmigração dos tártaros da Crimeia para suas terras de origem causou dificuldades para a Ucrânia construir casas, infraestrutura viária e escolas para acomodá-los, uma vez que a região estava sub-equipada. Ancara ofereceu oficialmente sua ajuda à Ucrânia para lidar com esse fluxo. A política humanitária

⁸ O Tratado assinado em Jassy, na Moldávia, no ano de 1791, confirmou a supremacia russa sobre o Mar Negro, a partir do pacto estabelecido entre o Império Otomano e o Império Russo (N.T.).

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

de Ancara na Crimeia se distinguiu por sua regularidade. Novas organizações culturais começaram a se desenvolver depois de 1992. O “Centro Geral de Associações Turcas na Crimeia” passou a apoiar financeiramente escolas nacionais, universidades e bibliotecas. Além disso, foram abertos uma gráfica e um hospital infantil (Akmescit) não muito longe de Simféropol, graças ao apoio do “Centro Geral de Associações Turcas na Crimeia”. Cerca de 500 estudantes tártaros da Crimeia foram beneficiados pela ajuda financeira e pela oportunidade de estudar gratuitamente nas universidades da Turquia.

No contexto dessa pluralidade de discursos identitários, a história de KaZantip pode aparecer como uma identidade adicional e utópica.

HISTÓRIA DE KAZANTIP: O TEMPO DA LENDA

O organizador da República KaZantip, Nikita Marschunok, de origem russa, chegou à Crimeia pela primeira vez em 1983, no Cabo de Kazantip (nordeste da península). Apaixonado pelo *windsurf*, o organizador encontrou ali um lugar ideal para praticar este esporte e fundar a “Associação Russa de *Funboarding*”. De volta a cada verão com mais e mais fãs a procura de bons pontos para velejar, ele criou competições no local. À medida em que essas competições progrediam, cada vez mais participantes e admiradores se reuniam.

Em 1993, pela primeira vez, o encerramento do campeonato foi marcado por um concerto. Este evento foi considerado por Nikita Marschunok como o ponto de partida do projeto KaZantip. Em dois anos, o concerto de encerramento de KaZantip tornou-se um festival de música eletrônica, em uma vila à beira-mar perto de Kazantip, Shchelkino, um lugar extravagante e extremo, uma usina nuclear inacabada e abandonada. O projeto nasceu; reuniu esporte, música

e festas. Este festival está na origem da cultura *rave* no espaço pós-soviético.

Nos primeiros anos do festival, a entrada era gratuita. A principal fonte de receita provinha da venda de lembranças e vistos. Naquela época, o visto era representado por um cartão de plástico com símbolos do festival e dava direito a participar de alguns eventos em uma boate noturna em Moscou.

Após cinco anos de existência, o festival foi banido pelas autoridades locais devido a rumores de que ele favoreceria a venda e o uso de drogas. A vizinhança também começava a reclamar da agitação. O festival teve que se mudar e se fixar a 76 km da central nuclear, no sudeste da Crimeia, ainda à beira de uma bela praia próxima a uma aldeia chamada Veseloyé (alegre em Ucrâniano), onde o festival aconteceu até os anos 2000, mantendo o nome de KaZantip.

A fama do festival extrapolou a Rússia, envolveu todo o espaço pós-soviético e atraiu milhares de pessoas. Ao mesmo tempo, ele começou a provocar o interesse de grandes grupos: entre os quais a empresa “*Procter & Gamble*” tornou-se seu primeiro grande patrocinador.

HISTÓRIA DE KAZANTIP: UM TERRITÓRIO NASCIDO DA MÚSICA

Após se separar de seus primeiros parceiros de negócios, o organizador do festival N. Marschunok, decidiu desenvolver seu projeto como uma empresa de fato.

Ele queria alinhar seu festival com a lei ucraniana, o que até então não ocorria, já que, por exemplo, ele ocupava a terra sem pedir o consentimento do proprietário nem as permissões das autoridades locais. Isto passou a se dar em 2001, quando o festival novamente mudou para a aldeia de Popovka, a 30 km de Yalta, na Crimeia Ocidental. A República de KaZantip foi então proclamada e implantada à beira-

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

mar. Depois de obter o apoio de representantes do governo e as autorizações oficiais necessárias para a construção do seu projeto em alguns hectares de praia, N. Marschunok instituiu então as fronteiras da República de KaZantip, delimitadas com muros de dois metros de altura.

Para cobrir os custos de instalação e de construção, o pagamento de um visto de entrada foi colocado em prática. A taxa do visto aumentou a cada ano e se tornou a principal fonte de renda para o festival.

A República e seu festival foram então perfeitamente implantados neste vilarejo com menos de 300 habitantes por ano. As relações com as autoridades tornaram-se menos serenas em 2003, quando a Verkhovna Rada (Assembleia) da Crimeia votou pela proibição do festival de KaZantip. O festival foi renomeado de República Z por seu PreZident e continuou a existir, embora o antigo nome continuasse sendo usado por seus visitantes.

O festival tornou-se internacional e conhecido em todo o mundo. Em todos os verões, mais de 100.000 pessoas, a maior parte de origem russa (e de classes econômicas mais altas) se reuniam na aldeia com o objetivo de descobrir a República de KaZantip, a república da felicidade, um mundo à parte.

A república tinha seus cafés, restaurantes (Figura 4), quinze pistas de dança que funcionavam por volta de 24 horas por dia, seus hotéis e até mesmo o seu próprio “Museu de Arte Moderna”. O presidente também aprovou contratos comerciais dentro de sua República com aluguéis substanciais (de 5.000 a 20.000 dólares por temporada). Todo o álcool vendido nos bares e restaurantes do território da República tinha que ser comprado no centro de abastecimento da República, gerido pelo PreZident. Empresas como a Hennessy organizavam degustações e vendas promocionais. O bilionário russo Michail Prohorov, candidato à presidência em 2012, construiu ali uma área VIP às suas próprias custas, para ele e seus amigos. Esses comportamentos comerciais deixavam dúvidas acerca do desejo de ruptura utópica previsto.



Figura 4 – O clímax da República de KaZantip.

Fonte: KaZantip (2020).

O IMPACTO DA ANEXAÇÃO DA CRIMEIA PELA RÚSSIA EM 2014

O ano de 2014 pode ser considerado um ano sombrio para a República. A anexação da Crimeia pela Rússia decretou o início do declínio do festival. A República de KaZantip perdeu seu território original, a Crimeia. No entanto, a constituição de KaZantip previa a possibilidade de encontrar outras terras hospedeiras. No contexto de uma situação muito tensa na Crimeia, confrontada com a recusa das novas autoridades em sediar o festival e garantir a segurança dos visitantes, o festival foi organizado na Geórgia. Contudo, consideráveis investimentos financeiros e humanos não propiciaram o sucesso ao primeiro festival realizado fora da Crimeia. Igualmente, ocorreram problemas com o governo local e a igreja, que declarou se tratar de um festival diabólico. Por

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko



Figura 5 – KaZantip no Camboja (2015): longe demais, complicado demais para ser deslocalizado, o festival atraiu menos de dez mil participantes, pois foi encurtado pelas autoridades.
Fonte: KaZantip (2020)

essa razão, o festival foi proibido na Geórgia. Isso não o impediria de retornar dois anos depois.

Em 2015, outra tentativa de organizar o festival no Camboja não obteve êxito, o que foi negado pelos seus organizadores: todos os vestígios desapareceram do site oficial, que foi projetado como se tratando de um mundo feliz e, portanto, sem histórias, mas como uma lenda. Vale mencionar que o Presidente da República de KaZantip, por estar encarregado da felicidade de seus súditos, sempre constrói uma lenda feliz.

No mesmo ano, o presidente da República de KaZantip tentou negociar com os representantes do governo russo o retorno do festival a Popovka, onde possui suas terras cercadas por muros. Mais uma vez sem sucesso.

Figura 6 – A tentativa de renascimento do festival em 2015 na Crimeia: KaZantip torna-se Befooz.
Fonte: KaZantip (2020)..



Nesta situação, o festival mudou novamente seu nome e se tornou Befooz (Figura 6). Apesar das proibições, cortes de energia, barreiras na estrada, quase 8.000 “republicanos” conseguiram acessar o festival KaZantip. Mas desta vez a ambiência era outra; tornou-se menos “eletrônica” e mais familiar. O festival assumiu outra dimensão, comprovando que pôde sobreviver na Crimeia graças aos mais “fiéis” dos seus festeiros⁹.

Essa ação teve o efeito de reforçar a dimensão utópica e, portanto, de aumentar a irritação do poder russo. Em 3 de março de 2016, o promotor da Crimeia declarou que todos os projetos da República de KaZantip, bem como qualquer outro projeto semelhante, estariam

⁹ “Pretendemos realizar o festival até o fim do mundo, então você não terá somente tempo de chegar ao festival, mas também de trazer seus netos para cá”. Tradução livre de: “*We intend to conduct the festival until the end of the world, so you will not only be in time to get to the festival, but also to bring your grandchildren here*” (Z, 2020c).

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

proibidos na península. O declínio do festival KaZantip também anunciou uma mudança da estratégia cultural na Rússia. Após essa proibição na Crimeia, outros festivais de música eletrônica foram proibidos. Mais amplamente, o desenvolvimento da música eletrônica, considerado um portador de subversão política, passou a ser reprimido em todo o país.

No verão de 2016, as autoridades locais organizaram um acampamento de verão no território oficial do festival. Podemos considerar que o dono da terra, o Presidente da República de KaZantip, N. Marschunok, autorizou o poder russo a usar suas instalações? Ou é mais provável que ocorreu um confisco? Subitamente, um incêndio destruiu o local (Figura 7). Podemos interpretar esse fato como uma vingança de oponentes do festival.



Figura 7 – O incêndio no local de Popovka: ato hostil ou abandono?
Fonte: *Russia Today* (Rede de Informações fundada pelo governo russo), 17 de julho de 2016.

Após esse episódio, a equipe de gerenciamento do festival parecia flutuar e deslizar em direção a uma abordagem claramente comercial. Depois de anunciar que em janeiro de 2017 o festival seria realizado no Sri Lanka¹⁰, essa informação desapareceu dos sites da KaZantip. Finalmente, a edição de 2017 novamente ocorreu na Geórgia, em Anaklia, enquanto um segundo evento de inverno foi agendado no Vietnã para as festas de final de ano, durando até 10 de janeiro, para considerar a mudança de calendário e assim receber a clientela russa.

ENTRE A DESINTEGRAÇÃO E A INDEPENDÊNCIA UTÓPICA IMPOSSÍVEL

O estatuto de KaZantip coloca um certo número de questões:

1) Este território autoproclamado simbolicamente República independente de KaZantip trata-se de uma inovação cultural? Um estado cultural? Um espaço “urbano” consagrado à uma festa global, para um mundo global, o conjunto se justificando em relação aos novos valores ou que supostamente o são? A ligação tradicional entre coletividades locais e festival, mesmo entre poder e música, é para ser reconsiderada no quadro deste tipo de evento original.

2) O conceito de festival não permite que se apreenda a novidade do fenômeno uma vez que as dimensões diplomáticas e geopolíticas devem ser levadas em conta, não mais em sua magnitude, nem na importância dos valores que veicula. As numerosas contradições enunciadas nas declarações dos diferentes atores (organizadores, 16 atores públicos...) levantam questões sobre a complexidade das ligações e negociações que delimitam esta manifestação.

3) A dificuldade de sobrevivência de uma manifestação ainda poderosa mesmo quando as ligações com o território que a acolheu se rompem,

¹⁰ O evento na ilha de Phu Quoc, no Vietnã, foi realizado em 7 de dezembro de 2017.

evidenciando a questão da territorialização dos festivais e de outros eventos.

4) Enfim, a dimensão utópica da manifestação trás de volta o conjunto de valores que originaram muitos festivais que se tornaram míticos (Monterey, Woodstock, Goa, por exemplo), mas igualmente eventos massivos de outras naturezas sejam religiosos (Taizé) ou políticos (Larsac): nos quais esta característica massiva, a música e a juventude da população que frequenta estes lugares suscitam este tipo de reação que não se encontra em outros eventos igualmente massivos (jogos, manifestações políticas)?

Finalmente, o festival KaZantip pareceu se dissolver na geopolítica, encontrando uma nova dimensão: a desintegração exclusiva de sociedades comuns pela fuga na globalização (LATOURET, 2017). Talvez seja aí que encontremos sua verdadeira dimensão utópica.

Certamente KaZantip aparenta ser uma daquelas utopias as quais Jameson (2007b, p. 457) anuncia como um triunfo inevitável, um efeito provocador de medo nas sociedades contemporâneas, na busca por um projeto utópico verdadeiro. No entanto, a comunicação oficial do festival (KAZANTIP, 2020), ainda mantém um discurso reforçador de que essa dimensão é onipresente, muitas vezes realizando uma generalização da “mesma linguagem da utopia, geralmente reconhecida como o código para a transformação sistêmica da sociedade contemporânea” (JAMESON, 2007b, p. 462). Jameson põe em foco o capitalismo tardio, ao adotar essa lógica e vocabulário para parecer perpetuamente inovador e sedutor. De fato, a ambiguidade entre esse utopismo e a dimensão comercial de um evento muito lucrativo muitas vezes leva o discurso utópico a dois elementos: a injunção de ser você mesmo (ser feliz, divertir-se e desfrutar a vida) e o enclausuramento do local à lacuna do “mundo imperfeito” que leva a “proclamar uma república independente”. Mesmo o slogan

“KaZantip Beauty vai salvar o mundo” (KAZANTIP, 2020) é reduzido a um concurso banal de beleza entre o pin-up (KAZANTIP, 2020).

No entanto, apesar de ter uma dimensão cada vez mais comercial, a legitimidade utópica de KaZantip é hoje indiscutível, por causa da atitude do poder russo em relação a ela; esse desejo de utopia inspira um temor real que extrapola o festival. Em 2015, outra referência em termos de conformismo social, Ilia II, o Patriarca da Geórgia, não se enganou e excomungou o festival, seus organizadores e festeiros por serem “diabólicos”. Como na década de 1960, referência constante a KaZantip, a capacidade subversiva da música parece intacta, mesmo que esse discurso realmente esconda uma conformidade real e, ao contrário do rock (CHASTAGNER, 2011), o discurso de KaZantip não busque nem mesmo se esconder atrás de uma retórica rebelde. Mas, como no rock ou no movimento psicodélico dos anos 1960, apenas assusta aqueles que querem se deixar assustar...

De fato, o modelo de ambientes livres de risco (SPRING, 2004) desenvolvido pela KaZantip, espaços fora do lugar-fora do tempo, desenvolve um compromisso econômico e moral satisfatório para todos, sendo hoje uma referência dos festivais de *techno*, industrializando-se com a multiplicação de cruzeiros/festivais como os propostos por *Holy Ship* (HOLY, 2020), *Shipsomnia* (SHIPSOMNIA, 2020) ou *It's the ship* (IT'S, 2020), que oferecem a possibilidade de escapar da susceptibilidade das autoridades (sexo, droga em particular) inclusive nos Estados usualmente temerosos, a exemplo de Cingapura ou Malásia.

E esta é talvez a maneira de considerar a dimensão utópica de KaZantip: no escapismo que evoca Latour (2017), isto é, a globalização ou, melhor, o *off-shore* como modelo utópico dominante, garante o triunfo e o descarte dos mais ricos. Isso reforçaria seu lado cultural, até então materializado principalmente pelo mercado da arte. Esta

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

globalização visa a descartar tudo o que provém de uma população de eleitos querendo fugir de um mundo tão imperfeito em restrições (leis, impostos, morais sexuais ou ecológicas) e promiscuidades (pobres, feios, etc.), voltando-se a consumir, sem escrúpulos, riquezas e a proporcionar a felicidade merecida: Schastie!

KAZANTIP AINDA É UM PROBLEMA RUSSO

Mas a esta globalização responde outra escala: enquanto KaZantip retransmite códigos e gostos globalizados, sinônimos de uma ocidentalização cultural do mundo, a ponto de se tornar uma referência para outros festivais, ela permanece como uma “Ibiza russa” (OMRI, 2016) inserida nos avatares do debate entre Leste-Oeste após o fim da URSS.

Desde o início, KaZantip, criada por um russo para os russos, instalou-se na Ucrânia, isto é, do outro lado da fronteira, mas sem que isso parecesse algo demasiadamente restrito. A este respeito, a Crimeia emerge como um território de negociação cuja utilização pela Rússia (base de Sebastopol), mas também a desnuclearização, são objeto de discussões e acordos internacionais. E o local, com uma central nuclear desativada, símbolo do fracasso da antiga ordem soviética, torna-se perfeito.

Nesse sentido, a instauração no início dos anos 2000 de uma “República de KaZantip”, no momento em que o movimento da República Orange na Ucrânia tentou se emancipar da tutela pesada de Moscou, ainda se trata de um contexto diplomático. Este é o momento em que o crescente sucesso do festival leva-o a começar a internacionalizar-se com uma clientela essencialmente europeia. Mas para os jovens russos que continuarão sendo os principais participantes,

KaZantip aparece como um espaço para respirar, longe do peso do regime autocrático estabelecido por Vladimir Putin.

O extravasamento do festival para a Geórgia em 2014, outro país que a Rússia tenta influenciar na esteira de crises internacionais, permanece nessa lógica de distanciamento, mas ainda próximo. Moscou teria interesse em fazer de KaZantip uma vitrine da nova normalidade que pretende impor. Embora N. Marschunok, criador/PreZident de KaZantip, pareça interessado na permanência do festival no local histórico de Popovka, ambos os lados parecem ter desistido de procurar um compromisso útil para todos.

Finalmente, o modelo desenvolvido por KaZantip aparece como um compromisso histórico adaptado à transição que começa com o desaparecimento da URSS e cujo regime de Putin tenta preservar em sua ascendência imperial, ao mesmo tempo em que outras lógicas mais globalizantes se desenvolvem. Nestas condições, conseguir existir por 25 anos já é uma façanha geopolítica. A evolução recente reflete a ruptura entre uma Rússia tensa e uma empresa que está se adaptando a um novo estágio de desenvolvimento da globalização. Por parte da Rússia, KaZantip é, portanto, um exemplo de “poder brando” reverso, que justifica sua desconfiança.

De acordo com um estudante russo¹¹, Putin teria encerrado uma centena de contas no Facebook em 2016, porque elas contaram a piada de que ele odiava KaZantip porque ele era muito velho para as meninas e era necessário respeitar a lei de KaZantip...

*kaZantip não existe...
nunca realmente existiu!!!
todos esperaram por algo...
e ainda continuam esperando até a eternidade!!!
(KAZANTIP, 2020).*



¹¹ Informação não verificada.

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

REFERÊNCIAS

- AUTISSIER, Anne-Marrie. **L'Europe des festivals**: de Zagreb à Edimbourg, point de vue croisés. Paris: Éditions de l'Attribut, 2008.
- CAMPANELLA, T. **La Cité du Soleil**. Paris: Allia, 2016, 200p.
- CHASTAGNER, C. **Révoltes et utopies**: militantisme et contre-culture dans l'Amérique des années soixante. Paris: PUF, 2011.
- CHASTAGNER, C. Rock: le projet utopique. In: FOURNIER, L.-S.; CROZAT, D.; BERNIÉ-BOISSARD, C.; CHASTAGNER, C. (dir.). **Utopies culturelles contemporaines**. Marseille: PUAM, Aménagements et territoires, à paraître, 2018. p. 111-124.
- CRESSMAN, G. Futures de Carole Condé et Karl Beveridge (2013): art, pouvoir et utopie. In: FOURNIER, L.-S.; CROZAT, D.; BERNIÉ-BOISSARD, C.; CHASTAGNER, C. (dir.). **Utopies culturelles contemporaines**. Marseille: PUAM, Aménagements et territoires, à paraître, 2018. p. 139-153.
- CROZAT, D.; FOURNIER, L.S. De la fête aux loisirs: événement, marchandisation et invention des lieux. **Annales de Géographie**, v. 2, n. 643, p. 307-328, 2005.
- DICTIONNAIRE du CNRTL (Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales) du CNRS Entrée «utopie». Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/lexicographie/utopie>; consulté le 1/03/2017. Acesso em: 31 mai. 2020.
- DIMÉO, G. Le renouvellement des fêtes et des festivals, ses implications géographiques. **Annales de géographie**, v. 3, n. 643, p. 227-243, 2005.
- HOLY Ship! **Holy Ship! Wrecked**. Beats at Sea, 2020. Disponível em: <https://holyskip.com/>. Acesso em: 13 de jul. 2020.
- IT'S The Ship. **It's the Ship**. A livescape experience, 2020. Disponível em: <https://www.itstheship.com/>. Acesso em: 13 de jul. 2020.
- JAMESON, F. **Archéologies du futur**. Tome 1. Le désir nommé utopie. Paris: Max Milo, 2007a, 393p.
- JAMESON, F. **Le postmodernisme ou La logique culturelle du capitalisme tardif**. Paris: Ecole nationale supérieure des Beaux-Arts, [1991] 2007b, 607p.
- KAZANTIP. **kaZantip.com**, 2020. Disponível em: <kazantip.com>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- LANDAUER, G. **La Révolution**. Paris: Éditions Champ Libre, [1907] 1974.
- LATOUR, B. **Où atterrir? Comment s'orienter en politique?** Paris: La Découverte, 2017, 160p.
- MORE, T. **L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement**. Paris: Flammarion, 2003, 248 p.
- OMRI. **Kazantip – the Russian Ibiza**. Techno station, 1 de jun. 2016. Disponível em: <https://www.technostation.tv/kazantip-the-russian-ibiza/>. Acesso em: 13 de jul. 2020.
- PLASSART, M. **La contre-culture américaine**. Années 1960. Révoltes et utopies. Paris: Atlande, 2011, 136p.
- RACAULT, J.-L. **Robinson & compagnie, aspects de l'insularité politique de Thomas More à Michel Tournier**. Paris: Pétra, 2010.
- SPRING, K. Behind the Rave: Structure and Agency in a Rave Scene. In: BENNETT, A.; PETERSON, R. A. (ed.). **Music Scenes**. Local, Translocal and Virtual. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004. p. 48-63.
- SÉBASTOPOL: un port au cœur des enjeux géopolitiques de la Mer Noire. **Linium International**, 25 mai. 2010. Disponível em: <http://liniuminternational.over-blog.com/article-sebastopol-un-port-au-coeur-des-enjeux-geopolitiques-de-la-mer-noire-51037479.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Grandeza e declínio da República Independente de KaZantip (Ucrânia)
Dominique Crozat, Anastasia Semenko

SIMFEROPOL. **Kazantipvoyage**, kaZantip, 2020. Disponível em: kazantipvoyage.com/simferopol-crimea-ukraine.htm. Acesso em: 13 jul. 2020.

SHIPSOMNIA. **Shipsomnia**. Mad fresh entertainment, 2020. Disponível em: <https://www.shipsomnia.com/>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

SUTOUR, S. **Vers une nouvelle étape dans les relations entre l'Union européenne et l'Ukraine**. Rapport d'information n° 692 (2010-2011), fait au nom de la commission des affaires européennes, déposé le 29 juin 2011, Assemblée nationale/Sénat, 2011.

Z answers – main questions. **KaZantip.com**. 2020c. Disponível em: <https://kazantip.com/kazantip-questions-answers/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Z constitution – the kaZantip law. **KaZantip.com**. 2020a. Disponível em: <https://kazantip.com/kazantip-constitution/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Z spirit – kaZantip spirit and philosophy. **KaZantip.com**. 2020b. Disponível em: <https://kazantip.com/spirit-of-kazantip/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Submetido em Novembro de 2019.

Revisado em Dezembro de 2019.

Aceito em Janeiro de 2020.